



Charge e Representação: Levantando Hipóteses Sobre a Construção da Representação na Charge¹

Cristiane dos Santos Parnaíba²
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Resumo

O artigo discute de que forma se constrói a representação na charge. Para tanto, verificou como foi a representação da presidente Dilma Rousseff em algumas charges publicadas pela *Folha de S. Paulo* de janeiro a março de 2011. Partimos de conceitos base sobre representação e charge para entender de que forma se dá a representação nas charges, porém não tivemos intenção de esgotar a discussão sobre este tema, apresentando algumas hipóteses preliminares. Como não há uma metodologia específica para análise de charges, o trabalho ganhou um caráter ensaístico, o qual buscou caracterizar a charge como uma forma específica de representação do real. Foi possível verificar que as charges se utilizam de representações por semelhança e por denotação e que, na maioria das vezes, sua representação, embora se baseie em um fato real, não utiliza de elementos reais para construir-se.

Palavras-chave: Charge; representação, Folha de S. Paulo; Dilma Rousseff.

INTRODUÇÃO

O conceito básico de representação a define como a re-apresentação de um objeto. Já o de charge como uma produção humorística, baseada em acontecimento real, que lança um ponto de vista sobre determinado fato. Articulando e desenvolvendo melhor estes dois conceitos, pretendemos entender como se dá a representação na charge.

Para tanto, analisaremos, sob a luz dos conceitos de charge e de representação, quatro charges de diferentes chargistas, porém todas publicadas na Folha de S. Paulo e que tenham como protagonista a presidente do Brasil, Dilma Rousseff. A escolha do veículo se deu por ele ter todo seu conteúdo disponível na Internet; já a de buscar chargistas diferentes, para comparar as representações por eles construídas; enquanto a protagonista ser a Dilma Rousseff foi uma estratégia para termos pontos em comum na comparação.

¹ Trabalho a ser apresentado no GT de Jornalismo Impresso, DT de Jornalismo no XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Aluna do PPG da FAAC – Unesp, nível mestrado. Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Gobbi. Jornalista, graduada pela Universidade Metodista de São Paulo em 2011.



1. CHARGE – ALGUMAS DEFINIÇÕES

Muitos são os conceitos utilizados para definir a charge. Alguns teóricos a consideram gênero textual, outros gênero jornalístico, uns ainda a caracterizam como uma espécie de caricatura, de cartum e outros como um gênero independente.

No dicionário Aurélio, a palavra charge é definida como “cartum em que se faz, geralmente, crítica social e política” (2008, p. 229), e por cartum, tem-se como definição “desenho humorístico” (2008, p.217), sendo assim, portanto, a charge definida como um desenho humorístico em que se faz, geralmente, crítica social e política.

Para José Marques de Melo, em seu livro *Jornalismo Opinativo*, a charge é uma espécie de caricatura, cuja definição é

crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. Reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a ótica do desenhista. Tanto pode se apresentar somente através de imagens quanto combinando imagem e texto (título, diálogos). (2003, p. 167).

Ainda de acordo com o autor, a charge faz parte do universo jornalístico por possuir limitantes de tempo e espaço e ter um compromisso com o real. Marques de Melo defende que

sua validade humorística advém do real, da apreensão de facetas ou de instantes que traduzem o ritmo de vida da sociedade, que flagram as expressões hilariantes do cotidiano. Sua intenção é representar o real, criticando [...] A charge contém a expressão de uma opinião sobre determinado acontecimento [...] e adquire sentido porque se nutre dos símbolos e valores que fluem permanentemente e estão sintonizados com o pensamento coletivo (2003, p.168).

Porém, para Tattiana Teixeira, a charge não se submete ao universo jornalístico. Partindo da reflexão do que de fato seria o jornalismo, ela entende que, embora a charge tenha como ponto de partida um acontecimento real, sua representação não é baseada em elementos do real, sendo, portanto, a charge:

uma manifestação humorística - capaz de congrega em sua gramática as mais variadas formas do Cômico - que tem como elementos constitutivos obrigatórios a sátira e a ironia expressas sobretudo graças ao uso da linguagem verbal que as complementa e à presença de caricaturas que remetem a figuras públicas de grande visibilidade social. Sua condição de existência é a recorrência a temas que sejam conhecidos pelos seus leitores, pois, caso contrário, perde o seu sentido e razão de ser. Sua abordagem é sempre atual, cotidiana, seguindo critérios de notabilidade calcados tanto na visibilidade de quem se fala quanto na importância e pertinência dos temas para a sociedade

na qual ela está inserida. (...) Sua ligação com a realidade circundante se resume aos personagens e temáticas abordadas. A forma de representação, porém, não é baseada na descrição ou reprodução de acontecimentos reais (1998, p. 12).

Já no texto da pesquisadora Onice Flores, encontramos a seguinte definição:

A charge é um texto usualmente publicado em jornais, sendo por via de regra constituído por quadro único. A ilustração mostra os pormenores caracterizados de personagens, situações, ambientes, objetos. Os comentários relativos à situação representada aparecem por escrito. Escrita/ilustração integram-se de tal modo que por vezes fica difícil, senão impossível, ler uma charge e compreendê-la sem considerar os dois códigos, complementarmente, associando-os à consideração do interdiscurso que se faz presente como memória, dando uma orientação ao sentido num contexto dado- aquele e não outro qualquer” (Flores, 2002, p. 14).

O pesquisador Rozinaldo Antonio Miani, que defendeu seu doutorado usando a charge como objeto, a considera como

uma representação humorística e satírica, persuasiva, de caráter político e de natureza eminentemente dissertativa e intertextual; ela se constitui, em certa medida, como “herdeira da caricatura” em sua conotação e expressão políticas (2010, p. 58).

Ainda na definição de charge cabe saber se a opinião nela contida provém do próprio chargista ou do veículo para o qual ele trabalha. Sobre isso, lembrando o cartunista Fortuna, Marigoni diz que a charge é “uma espécie de ‘editorial gráfico’ do jornal” e afirma que:

O chargista, como qualquer outro jornalista, deve antes de tudo saber para qual veículo está trabalhando e qual a orientação editorial do órgão, sem, no entanto, perder suas características artísticas e de opinião. [...] Interesses editoriais existem até em jornais de Centros Acadêmicos. Mas ousadia é fundamental (1996, p. 87).

Desta forma, e baseado em pesquisa empírica realizada anteriormente onde comparamos por cinco meses as opiniões contidas no editorial e na charge, acreditamos ser a opinião do veículo a que prevalece na charge, o que não impede, porém, o chargista de compartilhar desta mesma opinião.

Temos nestas definições alguns pontos em comum, como o que a charge versa sobre um fato, se utiliza do desenho humorístico e pressupõe uma crítica. Diante disso, construímos a definição de charge que vamos adotar neste ensaio como sendo *uma representação crítica de um fato atual, portanto contextualizado em tempo e espaço, que se utiliza de imagem e texto fundamentalmente, mas que pode se valer de*



*som (como complemento em um produto audiovisual ou formando imagens auditivas, substituindo a imagem pictórica em um produto sonoro) e animação, para expor, através do **humor**, a um público a **posição** do chargista e/ou do veículo para o qual ele trabalha sobre o acontecimento.*

Diante disso, propomos uma discussão sobre a representação na charge, conforme o tópico a seguir.

2. REPRESENTAÇÃO NA CHARGE – LEVANTANDO HIPÓTESES

Uma concepção básica de representação é a ideia de uma coisa estar ali no lugar de outra. Mas seria essa uma concepção adequada para trabalhar com a charge? Que tipo de representação a charge faz dos fatos?

A charge, nosso objeto de análise, é uma representação de linguagem híbrida, pois como vimos, utiliza de texto, imagem e pode ou não também se valer de recursos sonoros e audiovisuais. Para buscar entender o tipo de representação que a charge faz, vamos ver algumas das definições de representação e alguns exemplos de charges.

Ted Cohen (1989, p.453) alerta para o conceito de representação trazer em sua base a ideia de re-representação, de “uma coisa estar ali em vez de outra”. Sobre as representações pictóricas, Cohen descreve três principais concepções:

Há três teses principais sobre a natureza da representação pictórica. A primeira toma a representação pictórica essencialmente como semelhança; a segunda supõe ser um problema de substituição, no qual a representação é um tipo de substituto da coisa representada; a terceira insiste que a representação pictórica é essencialmente a mesma coisa que a representação por palavras ou quaisquer outros itens que estejam no lugar das coisas, sendo a diferença apenas uma questão de tipo de sistema no qual a substituição ocorra (1989, p. 454).

O primeiro tipo de representação é aquele no qual a representação tem para com o objeto representado uma relação analógica, de semelhança. Ela é a tese mais tradicional no âmbito das representações e foi trabalhada por diversos teóricos desde os tempos de Aristóteles.

Já o segundo define a representação pictórica como um tipo de substituição funcional do objeto original. Esta teoria proposta por Gombrich tem como base a ideia de “que a representação pictórica em geral apoia o mesmo tipo de reações que seriam provocadas pelo sistema que elas retratam. Essas reações têm a ver mais com a



psicologia da visão”, na qual “permanece a ideia de que a representação é um substituto do original e é, em certo sentido usada como seria o original” (1989, p. 457).

O terceiro conceito, desenvolvido por Nelson Goodman, trata da representação pictórica como denotação, e afirma que “esta teoria renuncia ao uso de qualquer concepção de semelhança com qualquer parte da explanação da representação pictórica”, sendo que ela “insiste, ao invés disso, em que as representações pictóricas denotam seus objetos exatamente como as palavras denotam o que elas substituem” (1989, p. 457).

De acordo com Stuart Hall para o senso comum a noção de representação tem um duplo sentido: “Ela significa ‘apresentar’, ‘imagear’, ‘retratar’ – oferecer um retrato de alguma coisa. Mas a palavra representação ou reapresentação leva consigo também a noção de que algo já estava ali, e pelos meios, foi reapresentada” (1997, 2005, p. 2). Porém, o próprio Hall apresenta outra ideia de representação, que é a de “dar sentido e para ele isso quer dizer “que o significado é dado às coisas que são retratadas pelas imagens, sejam nas telas ou nas palavras de uma página, substituindo aquilo de que estamos falando” (1997, 2005, p. 2). Este segundo conceito se aproxima muito do da denotação, de Nelson Goodman.

3. BUSCANDO A REPRESENTAÇÃO NA CHARGE – ANÁLISE DE ALGUNS EXEMPLOS

Diante das definições apresentadas, vamos tentar identificar, agora de maneira empírica, quais se encaixam na charge. Para tanto, vejamos quatro charges de diferentes chargistas, buscando responder:

- 1) Quais tipos de relações temos entre a representação, a princípio pictórica, e os personagens representados?;
- 2) A representação, agora da charge como um todo, deu que sentido ao acontecimento?;
- 3) Pensando na afirmação de Teixeira, de que a representação da charge não se baseia em elementos do real, a representação do acontecimento se baseia no real ou não?;
- 4) Por fim, como se prevalece na charge o uso da imagem, tentaremos classificar cada uma em um dos três tipos de representação pictórica citados por Cohen.

a) Charge 1 – Angeli para a Folha de S. Paulo, 04 de janeiro de 2011.



1) Há semelhança entre imagem e objeto representado? Angeli faz a representação de Dilma Rousseff e de Lula. Em Dilma, podemos reconhecer alguns traços: os cabelos curtos, a proporção de estatura e peso (Dilma não virou uma mulher alta e magra, ou gorda, por exemplo), alguns traços do rosto também são semelhantes (não tem olhos de oriental, nariz grande, por exemplo). Em Lula também reconhecemos características de semelhança, como os cabelos, a barba e a proporção do corpo.

2) Qual o sentido que podemos denotar da charge? Usando de todo o contexto da transição do governo Lula para Dilma, a charge dá a entender que o ex-presidente ainda não deixou totalmente o Palácio da Alvorada, residência do presidente do país, se considerarmos a palavra “fantasma” e o espanto de Dilma na imagem, além dos tons escuros, denotamos também que ele está ali assombrando o Palácio, de forma, portanto sorrateira e ilegítima. Podemos, por fim, entender que o chargista fez uma crítica dupla: primeiro Lula não quer sair do Palácio e segundo ele continuará assombrando o país, já que continua próximo à presidência.

3) A representação se baseia em um acontecimento real? Embora saibamos que o fato desencadeador da charge seja real, ou seja, houve uma transição de governo, a representação deste fato feita pela charge se baseia num elemento não real: Lula não invadiu o Palácio de noite como um fantasma. Porém, a charge é opinião e a opinião manifesta do chargista/e ou do veículo é de que ele ainda “assombra” aquele local.

4) **Que tipo de representação pictórica temos na charge?** Parece, na charge analisada, haver uma mescla da representação pictórica por semelhança com a por denotação.

b) Charge 2 – Jean para a Folha de S. Paulo, 16 de março de 2011.



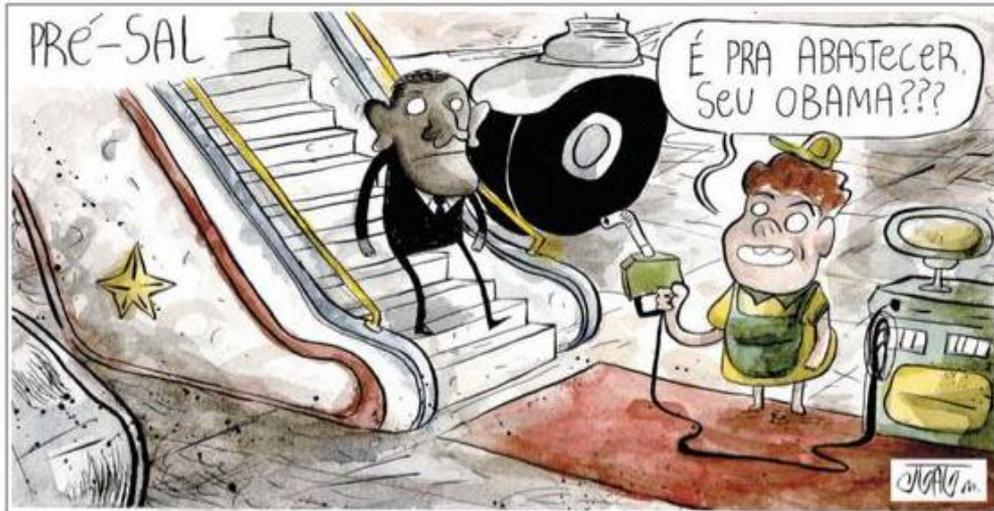
1) **Há semelhança entre imagem e objeto representado?** Jean retrata Dilma Rousseff e o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Enquanto a presidente brasileira mantém relações de semelhança com sua imagem real, Obama é representado por uma pata de ave, provavelmente um gavião, o que não tem semelhança pictórica alguma com sua imagem.

2) **Qual o sentido que podemos denotar da charge?** A charge, agora usando também seu elemento textual, dá a entender que a visita de Obama ao país é uma espécie de caça predatória, já que o presidente aparece representado por uma metafórica pata de gavião, ave de rapina conhecida por seu caráter predador, enquanto Dilma, a frente do Palácio do Planalto, sede do governo, aparece pequena e, ao olhar o relógio como quem espera Obama, já foi capturada pelo predador junto com a própria sede, também muito menor do que a pata de “Obama”. Neste caso, denotamos que a visita do Obama ao país representa um perigo e, mais do que isso, somos todos presas dos EUA.

3) **A representação se baseia em um acontecimento real?** Mais uma vez o fato desencadeador da charge é real, mas a representação pictórica não o é, afinal Obama não é um gavião. Porém, notamos novamente a presença da opinião do chargista e/ou do veículo.

4) Que tipo de representação pictórica temos na charge? Novamente temos uma mistura entre a representação pictórica por semelhança e por denotação.

c) Charge 3 – João Montanaro para a Folha de S. Paulo, 19 de março de 2011.



1) Há semelhança entre imagem e objeto representado? João Montanaro retrata Dilma Rouseff e Barack Obama, ambos com traços que se assemelham com suas fisionomias, porém, de caráter caricato. É necessário notar também que Dilma se apresenta como frentista de um posto de combustível, e não como presidente do país.

2) Qual o sentido que podemos denotar da charge? Vemos a presidente Dilma se oferecendo para abastecer o avião de que Obama desce as escadas, enquanto o “título” da charge é “Pré-Sal”. Dela podemos denotar que a intenção de Dilma com a visita de Obama é fechar negócios referentes ao petróleo extraído do Pré-Sal. Porém, a imagem de Dilma como frentista também nos leva a entender uma posição inferior, de servidão; enquanto Obama é presidente, ela é frentista.

3) A representação se baseia em um acontecimento real? Mais uma vez, o fato desencadeador é real, mas a representação não o é. Dilma não é frentista.

4) Que tipo de representação pictórica temos na charge? Novamente temos uma mistura entre a representação pictórica por semelhança e por denotação.

d) Charge 4 – Benett para a Folha de S. Paulo, 28 de março de 2011.



1) Há semelhança entre imagem e objeto representado? Benett retrata Dilma Rousseff e as autoridades dos EUA, Rússia, China e França. Dilma mais uma vez tem semelhanças com sua imagem, mas, enquanto está num triciclo, as demais autoridades são representadas por tanques de guerra.

2) Qual o sentido que podemos denotar da charge? Enquanto, no Conselho de Segurança da Onu, conforme sugere o título, o Brasil é representado com características frágeis e infantis, os demais países são fortes e bem armados, o que nos faz entender que o chargista entende que o Brasil assim se coloca e/ou assim é visto naquele órgão.

3) A representação se baseia em um acontecimento real? Mais uma vez, o fato desencadeador é real, mas a representação não o é.

4) Que tipo de representação pictórica temos na charge? Assim como nas charges anteriores, temos uma mistura entre a representação pictórica por semelhança e por denotação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das charges analisadas, podemos considerar que o objeto representado geralmente tem uma relação de semelhança com o original, já que os desenhos remetem à imagem física dos personagens representados, mesmo que, muitas vezes, de forma caricata. Por outro lado, e ao mesmo tempo, no conjunto da charge o



que importa não é apenas a semelhança ao objeto, mas o sentido dado a ele, o que nos leva a crer que a representação na charge também assume um caráter de denotação.

Assim, passamos a pensar na charge, ainda sem a intenção de formular uma resposta definitiva, como uma representação de caráter híbrido não apenas no que tange seus elementos: texto, contexto, humor e desenho, mas também na sua constituição de representação, que é tanto por semelhança como por denotação e sempre relacionada a um fato real.

Quanto ao questionamento de sua natureza ser jornalística ou não, a entendemos ainda como dentro do universo jornalístico por ter como ponto de partida um fato real e por, embora não se ater à realidade para construir sua representação, constituir-se de um ponto de vista, assim como um tradicional editorial jornalístico ou um artigo de opinião. Porém, dizer que ela faça parte do universo jornalístico não significa dizer que trata os fatos com objetividade, pois sua proposta não é esta, mas a de, a partir do humor, expor uma opinião.

REFERÊNCIAS

COHEN, Ted. **Representation, pictorial and photographic**. In BARNOUW, Eric (Editor in Chief) *International Encyclopedia of Communications*. New York/London: Oxford University Press, 1989. P. 453-58. Tradução: Murilo César Soares.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

HALL, Stuart. **Representation & the media**. Media Education Foundation. 1997, 2005. Disponível em: http://www.mediaed.org/assets/products/409/transcript_409.pdf. Tradução: Murilo César Soares.

MARIGONI, Gilberto. Humor da Charge política no jornal. In: **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 7, p. 85-91, 1996.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo**. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

MIANI, Rozinaldo Antonio. In: **Patrimônio e Memória**, Assis, v.6, n.1, p.54-79, 2010. Disponível em <http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria-v.6.n1/artigos/Rozinaldo-textointegralfinal.pdf>. Acesso: 15.nov.2012.

TEIXEIRA, Tattiana. Muito além da opinião - um breve esboço da relação entre charge e jornalismo no Brasil. In: *Anais do XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom 1998*. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/99299f97415781a06f9b1edfed93a1f5.PDF>> Acesso: 10.nov.2012.